

Apresentação

Amurábi Oliveira

É com uma enorme satisfação que a REALIS – Revista de Estudos AntiUtilitaristas e PosColoniais – traz a público seu quarto número, que demarca uma continuidade com relação ao anterior, ao trazer para o cerne de nosso debate a diálogo com África.

Nosso Dossiê intitula-se *Diálogos Ibero-Africanos*, por se constituir de autores que partem desta realidade, que historicamente demarca fronteiras. A Península Ibérica certamente é um *locus* singular na Europa, marcada pela ocupação de vários povos, com destaque para dois: os romanos e os mouros, apontando, justamente, para seu caráter duplamente condicionado, pela força imperialista e colonial do resto da Europa (Napoleão também já dominou a Península), e pela força do continente africano. Não é por um acaso que Sergio Buarque de Holanda denomina estes países de “territóriospontes”, por ser através deles que a Europa se comunicaria com o resto do mundo.

Inegavelmente Portugal e Espanha também se propuseram a se lançar na aventura colonial, não à toa são estes países que instauram a maquina colonial nas Américas, contudo, há de se destacar o que Galeano (2010) apontou referindo-se a Espanha, mas que poderíamos estender a Portugal: enquanto estes países possuíam as vacas, outros tomavam o leite. Não à toa, Santos (1993) aponta para o caráter semiperiférico de Portugal, que poderia ser ampliado para a Espanha.

Interessa-nos aqui destacar que a compreensão da realidade social a partir do ponto de vista de uma crítica pós-colonial mostra-se pertinente e legítima, por meio destes diálogos desenvolvidos entre pensadores do mundo Ibérico e em África.

Em *Conflictos Sociales Postcoloniales. Conclusión del Proyecto Europeo y Nuevas Subetividades* Gennaro Avallone e Salvo Torre discutem um marco para os estudos pós-coloniais, quando a partir dos anos 70 do século XX o modelo colonial, tal

como vinha sendo exercido, chega ao seu limite, contudo, não se limitando a este, uma vez que, as questões postas neste contexto apresentam-se neste momento como relevantes para se pensar o próprio futuro da Europa.

Em *Tenreiro, Amador e os Angolares ou a Reinvenção da História da Ilha de São Tomé*, Gerhard Seibert discute como a historiografia da Ilha de São Tomé narrada por Francisco Tenreiro oculta a maior insurreição de escravos que ocorreu no século XVI, estando esta narrativa oficial a serviço do Estado salazarista.

Jacint Creus nos leva a um outro olhar no artigo *Del Imperador Chaka a la Ideología Neocolonial*, ao trazer um dos personagens mais conhecidos da História da África, Chaka, que obteve uma grande expansão do seu império durante o século XIX, articulando o seu debate com a dimensão do neocolonialismo e com a própria discussão com o campo educacional.

Mónica Frederico lança um olhar sobre um aspecto específico da realidade africana: o campo educacional, preocupando em seu artigo *Situação da Educação em Moçambique face aos Objectivos 2 e 3 de Desenvolvimento do Milénio* com a íntima relação entre educação, sociedade e liberdade, portanto, para além de uma crítica meramente teórica a autora nos leva a partir de dados empíricos a visualizar uma situação real em África, apontando para as desigualdades sociais encontradas nesta realidade, em especial no que tange às questões de gênero.

Rui Jorge Semedo percorre um dos campos mais férteis da crítica pós-colonial: o da literatura, buscando em *Uma Radiografia do Processo Literário Guineense* traçar uma reconstrução do movimento literário neste país, articulando de forma perspicaz o distanciamento da literatura guineense em relação a outros países lusófonos a um processo de formação colonial desigual, ao qual as colónias foram submetidas.

Em *Rap Kriol(u): O Pan-Africanismo de Cabral na Música de Intervenção Juvenil na Guiné-Bissau e em Cabo-Verde* Miguel de Barros e Redy Wilson Lima buscam analisar de que forma os jovens guineenses e cabo-verdianos recontextualizaram através do rap, na nova conjuntura dos dois países, o discurso pan-africanista e nacionalista de Amílcar Cabral.

Yolanda Aixelà em *Estudiantes Transnacionales de Guinea Ecuatorial desde una Perspectiva Postcolonial*, analisa a capacidade de transformação de jovens da Guiné Equatorial ao retornarem a seus países após o término de seus estudos, mais que isso, a autora nos coloca ante a uma problematização em torno dos novos contextos criados pela globalização.

O trabalho de Cristina Sá Vatemim, *Um som que silencia. Ciência e colonialidade nos estudos musicológicos da música cokwe da Lunda, 1961 e 1967*, faz uma incursão sobre a representação colonial a partir de dois estudos musicológicos sobre a música Cokwe do Lóvua e Camissombo, publicados pela Diamang, companhia de Diamantes de Angola, lançando um olhar sobre a dinâmica colonial deste país. Neste artigo verificamos a complexa relação que se estabelece entre colonialismo, conhecimento e identidade, e mais que isso, como esta se operacionaliza a partir das relações de poder constituídas no processo colonial.

Também a partir de uma reflexão que se constrói no além mar, Luis Adrián Mora Rodriguez em *Traidores, Idólatras y Aliados: La Construcción de la Alteridad em las Cartas de Relación de Hernán Cortés*, busca traçar uma análise extremamente pertinente para o pensamento pós-colonial tomando por base a construção da alteridade, elaborada no processo de colonização das Américas, tomando como ponto de partida o conjunto de textos intitulado de *Cartas de Relação*, no qual a visão sobre o outro é construída e transparecida.

Inauguramos neste número duas novas seções, uma denominada **Espaço Livre** aberta ao debate intelectual amplo, tematizando várias questões a partir das questões postas pelas teorias (e cenário) pós-coloniais, neste primeira incursão por esta nova sessão Willy Soto Acosta debate o cenário trazido pela própria REALIS, em seu trabalho intitulado *La decolonialidad del saber, el pensamiento anti-utilitarista y el “giro decolonial” en las Ciencias Sociales latinoamericanas: el caso de la revista REALIS*. A outra nova sessão é a de **Traduções**, que busca trazer textos importantes para este debate, porém ainda não acessível aos leitores lusófonos, em especial, neste número trazemos o texto de Rita Abrahamsen intitulado *Estudos Africanos e o Desafio Pós-Colonial*.

Por fim, neste número contamos com a resenha do livro *La Decolonialidad de América Latina y la Heterotopía de una Comunidad de Destino Solidaria*, elaborada por Nora Garita, destacando tanto a contribuição desta obra para debate pós-colonial, quanto para se pensar o futuro da América Latina como um todo, ou melhor, como coloca Garita, o livro acaba por realizar um chamado.

Acreditamos que mais uma vez estamos trazer um debate qualificado, que visa a contribuir para a solidificação da discussão pós-colonial, desta vez fazendo cruzando o Atlântico em busca de novos diálogos e novos olhares.

Referências

GALEANO, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina*. São Paulo: L&PM, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. "O Estado, as relações salariais e o bem-estar social na semiperiferia: o caso português". In: ____ (org.) *Portugal: Um Retrato Singular*. Porto: Afrontamento/Centro de Estudos Sociais, 1993: pp. 17-56.